

# Lemgruber, no FMI, pede meta realista

EDGARDO COSTA REIS  
Correspondente

WASHINGTON — O Presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber, advertiu ontem que nenhum programa de ajustamento econômico pode sobreviver fora de um ambiente de desenvolvimento e que “é melhor estabelecer metas realistas e viáveis do que metas que talvez sejam ideais, mas divorciadas da realidade”.

Na primeira vez que um funcionário do novo Governo brasileiro se dirigiu ao Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional (FMI), órgão de decisão política da instituição, reunido em Washington, Lemgruber disse que o Brasil se propõe a dar início a uma série de ações “destinadas a impulsionar o desenvolvimento, atacando, ao mesmo tempo, o processo inflacionário” tanto em suas origens quanto em seus fatores de realimentação, e equilibrando as contas externas.

Sua advertência de que o reajustamento econômico dos países devedores “não se materializa simplesmente com o estabelecimento de metas,

mesmo realistas, o que nem sempre é o caso”, ocorre uma semana antes do início das negociações do programa entre o Brasil e o FMI, suspensas em consequência do descumprimento de metas.

Numa conversa rápida com os jornalistas, depois de discursar no Comitê Interino, Lemgruber confirmou que o Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, deverá chegar a Washington no dia 25 para se reunir com o Diretor-Gerente do FMI, Jacques de Larosière, e que na semana seguinte serão retomadas as conversações com os bancos credores, em Nova York. O novo programa com o FMI é indispensável para fechar o acordo com os bancos.

Reafirmou que o Brasil não pediu nem sondou os bancos, “e não precisará de novos recursos” (*fresh money*). Os 2,5 bilhões de déficit projetados na conta corrente serão compensados pelos aportes, calculados em US\$ 3,5 bilhões, das instituições multilaterais de financiamento (US\$ 1,5 bilhão do Banco Mundial, US\$ 500 milhões do BID e o restante em *suppliers-credits* crédito para importação). Ele excluiu os recursos do FMI, não como

insinuação de dificuldades, mas para reforçar a afirmação de que não será necessário dinheiro novo.

Lemgruber dedicou boa parte de seu discurso a enfatizar a necessidade de se corrigir a distribuição do peso da dívida — a chamada assimetria em favor dos ricos e em detrimento dos pobres — e defendeu, com um estudo dos movimentos das reservas e liquidez internacionais, o aumento dos recusos do FMI. Isso tudo sem esquecer de chamar a atenção para o “extraordinário espetáculo” no qual a primeira economia do mundo (os Estados Unidos) continua sendo a maior importadora de capitais, em vez de supridora de poupança para o resto do mundo.

O Comitê Interino, cuja reunião foi convocada para examinar o problema da dívida mundial, divulgará amanhã seu comunicado final, mas pouco ou nada se deve esperar em termos de mudança na estratégia que vem sendo adotada até agora para combater o problema, caso por caso, e ignorando o aspecto político numa situação que, para os industrializados, é exclusivamente financeira.